

*Audrey Carlan*

A  
*garota* DO  
CALENDÁRIO



MAIO

**Tradução**  
Andréia Barboza

1ª edição

---

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP 2016



VERUS  
EDITORA

**Editora**

Raíssa Castro

**Coordenadora editorial**

Ana Paula Gomes

**Copidesque**

Lígia Alves

**Revisão**

Maria Lúcia A. Maier

**Capa, projeto gráfico e diagramação**

André S. Tavares da Silva

**Diagramação**

Daiane Cristina Avelino Silva

**Foto da capa**

© kiukson/Shutterstock (casal)

---

**Título original***Calendar Girl: May*

ISBN: 978-85-7686-526-1

Copyright © Audrey Carlan, 2015

Todos os direitos reservados.

Edição publicada originalmente por Waterhouse Press, LLC / Bookcase Literary Agency

Tradução © Verus Editora, 2016

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

**Verus Editora Ltda.**

Rua Benedito Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753  
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | [www.veruseditora.com.br](http://www.veruseditora.com.br)

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

C278g

Carlan, Audrey

A garota do calendário: maio / Audrey Carlan ; tradução  
Andréia Barboza. - 1. ed. - Campinas, SP : Verus, 2016.  
21 cm. (A garota do calendário ; 5)

Tradução de: Calendar Girl: May

Sequência de: A garota do calendário: abril  
ISBN 978-85-7686-526-1

1. Romance americano. I. Barboza, Andréia. II. Título.  
III. Série.

16-33761

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

# 1



**DROGA DE CONEXÕES! SAÍ DE BOSTON, PAREI EM CHICAGO E DEPOIS EM** Denver — onde agradeci ao Todo-Poderoso por estar usando minhas botas desgastadas de motociclista enquanto corria o mais rápido possível pelo aeroporto —, até que consegui pegar meu voo. Quando cheguei, era a retardatária que todo mundo sabia que estava perdida em algum lugar do aeroporto, cujo embarque era esperado impacientemente por todos.

Mais de cento e cinquenta pares de olhos me fuzilavam enquanto eu manobrava minha bagagem em meio à horda de passageiros ansiosos para chegar às suas poltronas. As coisas não estavam muito melhores dentro da aeronave. Meu assento ficava entre um homem rechonchudo e uma menina intrometida de oito anos que estava viajando sozinha. Seus pais eram separados, e agora ela tinha duas famílias. Ela detestava a mulher a quem se referiu como “madramonstrô” e sua filha mais velha, que, segundo a menina, era malvada.

O destino dela era a casa da mãe, uma dançarina da Strip. Não havia surpresa nisso. Quem vive em Vegas, no coração de Vegas, geralmente trabalha nos cassinos, serve mesas, se apresenta em algum tipo de show ou presta algum tipo de serviço para turistas. Quem mora fora da cidade tem outras oportunidades de emprego.

Eu soube de tudo isso sobre a pequena Chasity porque ela fez questão de me contar cada detalhe sobre ela. Tudo mesmo: sua cor favorita era roxo, mas não escuro, e sim claro, que deduzi

ser lilás. Ela *adorava* animais, principalmente cavalos. A melhor parte de estar com seu pai em Denver, aparentemente, era o fato de ele possuir terras e animais. Grande atrativo para uma criança de oito anos. Mas ela tinha que lidar com a madramonstro, e esse era o ponto negativo de visitar o pai. Fora a culpa. A mãe de Chasity não tinha muitos amigos nem família. A garotinha achava que era seu papel fazer companhia para a mãe. Porque “ninguém quer ficar sozinho. Todo mundo precisa de alguém”. Pelo menos de acordo com a invasiva, mas bem-intencionada Chasity.

Quando o piloto anunciou que estávamos a vinte minutos do pouso, juro que fiz uma pequena oração ao Cara Lá de Cima para que Chasity e sua mãe encontrassem um meio-termo. Também agradei à medicina pelos métodos anticoncepcionais. Passar um tempo com uma criança de oito anos consolidou a noção de que eu não estava nem perto de me sentir pronta para procriar, e talvez nunca estivesse. Era preciso ser um tipo especial de pessoa para ser mãe, e eu sentia que já tinha feito isso com minha irmã mais nova, Maddy. A próxima de quem eu tomasse conta provavelmente se tornaria uma cria do demônio. Melhor não deixar esse tipo de coisa na mão da Dama da Sorte. Que, como já observei antes, é uma megera de coração frio, então não há necessidade de mexer com ela.

Na esteira de bagagens, peguei minha mala extra com as coisas incríveis do Boston Red Sox, o jeans e o resto do que trouxera de Chicago, imaginando que poderia deixá-la na casa do meu pai e de Maddy. Assim minha irmã poderia escolher as melhores peças e se sentir uma princesa em todos os vestidos que Hector tinha escolhido para mim, além das roupas casuais e modernas de Rachel.

Uma série de notificações de mensagem soou no meu celular assim que liguei o aparelho.

A primeira era de Mason.

Sua carta foi legal, gata, mas se despedir pessoalmente teria sido melhor. Eu e a Rach queríamos te levar ao aeroporto. Ela está magoada. Eu estou puto. Encontre uma maneira de nos compensar ;-)

Não era a primeira vez que um cliente — ou eu deveria dizer “amigo”? — ficava chateado com meu estilo de despedida. Wes pareceu antever minha partida ao estilo ninja. Alec deixou rolar, e Hector chorou. Aquele latino gay me enviou uma mensagem aos prantos, dizendo que eu tinha arruinado a despedida perfeita. Algo que ele viu uma vez num filme e que tinha planejado fazer em casa, com pombas voando e outras merdas. Não sei exatamente. Tony deve ter agarrado o telefone nesse momento e interrompeu a mensagem, não sem antes expressar irritação com o fato de eu ter deixado seu noivo choroso e dizer que eu lhe devia uma.

A mensagem seguinte era da minha carona. A Vagaba Sem-Vergonha.

Ei. Sua carona está aqui fora. Rodando. Não me faça parar e tomar uma multa por causa da sua cara feia.

Rindo, peguei minha bolsa e vi o Honda de Ginelle. Acenei e ela fez uma parada brusca na área de embarque e desembarque, estacionando o carro todo torto.

— E aí, cadela? — ela disse quando coloquei a mala gigante e a pequena no banco de trás. Eu me joguei a seu lado no banco do carona, olhei para suas mechas loiras e seus dentes brancos, com muito chiclete verde grudado.

Ergui o queixo.

— Oi, querida. Obrigada por vir me buscar — murmurei presunçosamente.

Com um movimento do pulso e um giro no volante, ela saiu da vaga cantando pneu, entrando no tráfego do aeroporto. Ninguém seria capaz de confundir Ginelle com um bom motorista. Ela poderia pilotar para a NASCAR? Provavelmente. Suas manobras e a capacidade de tomar decisões em milissegundos ao volante eram inigualáveis. Porém ela se arriscava demais. Até agora, tinha dado tudo certo. Eu me ative a esse pequeno fato enquanto agarrava a alça do teto, também conhecida como puta-que-pariu, até chegarmos à rodovia.

Lentamente, inspirei e apoiei a cabeça no encosto, desfrutando do silêncio com minha melhor amiga. Não precisávamos conversar; isso era o que fazia de nós melhores amigas perfeitas. Ficávamos confortáveis no silêncio compartilhado. O som da estrada e do chiclete sendo mascado, além do cheiro de seu xampu de limão, quase me levou às lágrimas. Casa. Aquilo era familiar. Era bom. Era o que eu conhecia a vida toda. Não que fosse ser sempre meu destino final, mas, quando eu estava aqui, amava com todo o meu coração.

Ginelle me levou para a casa de Maddy e pops. Ela percebeu que eu estava pensativa e não preencheu o silêncio com um bate-papo inútil. Apenas me olhou, pegou minha mão e a segurou entre nós. Solidariedade entre irmãs. Ela podia não ter meu sangue, mas era, de longe, a melhor coisa do universo.

— Eu te amo — sussurrei, sem perceber que estava começando com toda aquela porcaria emotiva.

Seus olhos encontraram os meus, o rosto muito amável e doce. Os lábios rosados estavam franzidos de uma forma que me fez achar que ela diria aquelas três palavras de volta. Em vez disso, ela usou duas:

— Eu sei.

Então eu ri. Muito. Só mesmo Gin para saber do que eu precisava após um longo dia de viagem, uma fuga às escondidas do meu último cliente — que agora eu considerava um irmão de outra mãe — e a noção de que eu teria apenas três dias em Vegas até precisar pegar o avião para encontrar o próximo cliente. Eu havia ficado dois dias além do prazo em Boston. Normalmente era obrigada a ficar vinte e quatro dias, assim tinha seis ou sete para cuidar de coisas pessoais, além dos dois dias necessários para o traslado. Eu não ia para a Califórnia desde janeiro, e aqui estava eu, a três dias do começo de maio. Mais um mês, mais cem mil dólares para Blaine.

Entreguei para Ginelle um envelope com um cheque dentro.

— Deixa isso pra mim na administração do hotel? Me economiza um selo?

— Claro, amiga. — Ela pegou o envelope com o pagamento de Blaine e guardou na bolsa quando parou no meio-fio em frente à casa da minha família. — Você deve estar com fome. A Mads está fazendo um jantar de boas-vindas. Bolo de carne, purê de batata, milho-verde e, de sobremesa, a famosa torta de cereja com chocolate do pops. — Então abriu a porta, foi até o porta-malas e pegou uma caixa de cerveja.

— Eu realmente te amo. — Olhei para a cerveja e depois para nossa casa velha, que tinha uma pequena varanda com uma lâmpada sem lustre. Por trás das cortinas de renda, eu podia ver minha doce irmã mais nova colocando a mesa. Para mim. Porque eu estava voltando para casa. Nada superava aquilo.

Gin colocou os braços ao redor dos meus ombros e me puxou para dentro.

— Já sei dessa merda. Não me ouviu antes? — Ela revirou os olhos e bufou para dar ênfase. Balancei a cabeça e a abracei com força.

Abri a porta e o aroma apetitoso de carne assada, legumes e alho instantaneamente me atingiu.

— Mads, cheguei! — gritei, largando a bolsa na mesa lateral arranhada enquanto esperava seu gritinho. Maddy sempre soltava gritinhos infantis quando estava animada. Desta vez não foi diferente.

O grito foi seguido do pulo que minha irmã superalta deu em mim. Segurei-a com força, quase não conseguindo me manter em pé.

— Garotinha, senti sua falta. — Abracei apertado seu corpo macio.

Fazia quase dois meses que não a via, e parecia que ela estava encorpendo, perdendo as formas adolescentes e adquirindo as curvas femininas da nossa mãe. Os seios definitivamente tinham crescido, e os quadris estavam um pouco mais curvilíneos. Quando me afastei de seus braços, longe de seu cheiro de cereja e amêndoas, olhei profundamente em seus olhos. Aquelle sorriso enorme que eu adorava se espalhou em seu rosto.

— A menina mais linda do mundo. Mas só quando sorri — eu disse, repetindo a frase que falava para ela havia mais de dez anos. Um rubor bonito surgiu em suas bochechas, e ela me puxou para outro abraço. Esse foi muito mais apertado e me fez ter a sensação de que ela não queria me soltar. — Qual é o problema? — Segurei seu rosto e olhei em seus olhos.

Maddy balançou a cabeça, deixando a franja, comprida demais, cair nos olhos.

— Nada. Só estou muito feliz por você estar aqui. Fiz o seu prato favorito.

— Estou sentindo o cheiro. — Nesse momento, minha barriga decidiu fazer da minha fome um fato bem conhecido, resmungando extraordinariamente alto.

— A comida está pronta — Maddy anunciou, puxando minha mão para a cozinha. Ginelle seguiu atrás de nós. Sim, aquilo era bom. Estar em casa era exatamente o que eu precisava.





— Nós vamos para o Havaí! — A frase ecoou pela sala em um nível de decibéis que poderia quebrar o vidro.

— Nossa senhora! Calma aí! — Coloquei as mãos nos ouvidos.

— Está brincando comigo? Eu vou para o Havaí? Nunca saí de Nevada, só pra visitar você na Califórnia, e agora vou cruzar a porcaria do oceano, com baleias, peixes e essas coisas todas?! Puta merda! — Ginelle gritou, jogando na boca um chiclete novo e em seguida dando um grande gole na cerveja. *Afff*. Preferi não dizer nada sobre a mistura questionável porque ela não estava fumando, o que, por si só, já era um grande progresso.

Depois de tomar minha cerveja, coloquei-a sobre a mesa.

— Calma. Sim, eu vou pagar para vocês viajarem para o Havaí este mês. Vocês precisam decidir quando é melhor para as duas. Se programem para ficar uma semana, mais ou menos, no bangalô que eles estão me oferecendo. — Levantei as mãos, interrompendo-as. — Agora, não sei como vão ser as acomodações. Pode ser que seja uma cama para nós três, mas... ei, viagem grátis, certo?

— Puta merda, sim! Eu durmo na porra do chão!

Eu gemi.

— Gin, sem palavrões perto da Mads. Caramba.

— Ah, por favor, não sou criança. Na verdade... eu me tornei oficialmente uma mulher no último fim de semana. — O tom de Maddy era altivo e oficial, e não era nada do que eu queria ouvir saindo da boca da minha irmã caçula.

Fechei os olhos, empurrando a cerveja para o outro lado da mesa. Gin a pegou antes que derramasse.

— Mads... — sussurrei.

Ela franziu os lábios e sorriu timidamente enquanto traçava um dedo ao longo da mesa.

— Podemos falar sobre isso depois? — E olhou na direção de Ginelle. Apesar de Gin ser como uma irmã para mim, ela e Maddy não eram tão próximas. Elas se amavam, mas não tinham o tipo de amizade confidente, ou irmandade, melhor dizendo, que Maddy e eu compartilhávamos.

Ginelle olhou para o relógio.

— Olha só, hora de ir! — falou em voz alta. — Parece que eu tenho que comprar um biquíni. Ah, e amanhã à uma da tarde é a nossa sessão no spa, pra deixar todas as suas partes gastas em ordem novamente. Nós três de novo. Beleza?

— Gin... obrigada. Por tudo. Você sabe que... — comecei, mas Ginelle, como de costume, não se sentiu ofendida pelo fato de Maddy querer conversar sozinha comigo. Ela me abraçou, beijou o topo da cabeça de minha irmã e bagunçou seu cabelo.

— Até amanhã, suas lindas.

— Tchau! — Maddy e eu dissemos ao mesmo tempo. A tensão na sala aumentou, mas não de forma ameaçadora. Era mais do tipo *você-tem-algo-para-contar-então-fale-logo*.

— Eu não pretendia que acontecesse assim... — Maddy começou e lágrimas se formaram em seus olhos. — Eu queria falar com você antes, mas estamos nos dando bem. Ele realmente me ama, e eu o amo e...

Cobrindo sua mão com a minha, olhei em seus belos olhos.

— E... como foi?

Ela lambeu os lábios e inclinou a cabeça.

— Doeu. Sangrou um pouco, mas ele foi *bem* devagar. Tanto que tremia com o esforço. Ele estava com medo de me machucar e... sério, só doeu um pouco.

Sorri, lágrimas se formando em meus olhos também e caindo pelo rosto. Minha menina tinha crescido.

— Você gostou?

Ela assentiu instantaneamente.

— Já fizemos mais duas vezes. — Ela riu. — E essas vezes foram um milhão de vezes melhor! — Eu ri e concordei, entendendo o que ela queria dizer.

— Bom, e o namoro de vocês? Como ele está agindo agora?

Seus olhos se iluminaram como um bolo de aniversário repleto de velas.

— Ah, ele é *tão* legal. Fala todo dia que eu sou a garota mais linda, que me ama e que um dia a gente vai se casar. — Ela juntou as mãos na frente do peito e olhou sonhadamente para um ponto descascado na parede da cozinha. — Ele é maravilhoso, Mia. Tudo o que eu sempre quis. Tudo o que você me disse para encontrar antes de dar esse passo. Eu não poderia estar mais feliz.

Deslizei na cadeira e a puxei para meus braços, precisando senti-la perto de mim.

— Fico muito feliz que você tenha tido uma boa experiência e que o homem com quem você está te ame pelo que você é. Ele te faz bem? Te ama de verdade pela beleza que existe dentro de você, e não apenas pela beleza exterior?

Maddy assentiu freneticamente enquanto eu acariciava seus cabelos.

— Acho que sim. Ele me fala isso o tempo todo. Na verdade, ele quer conversar com você. Eu disse que hoje não dava, mas que talvez amanhã você concordasse em jantar com os pais dele. Eles querem conhecer a minha família e... bom... só sou eu.

Aquilo enviou uma onda de remorso pelas minhas veias, raiava pelo fato de nossa mãe ter nos abandonado e tristeza por nosso pai não conseguir se recompor para estar ao nosso lado nos momentos importantes da nossa vida. Pelo menos por Maddy. Ela era a única que merecia.

Segurei o rosto da minha irmã e a beijei suavemente.

— Eu vou adorar conhecer os pais do seu namorado e ter uma conversa com ele.

Mais uma vez, aquele rosto que poderia acender uma centena de cidades brilhou com alegria e entusiasmo. Ela levantou e foi até o pote de café. Eu a vi pegar algumas colheres de pó de café descafeinado enquanto se balançava de um lado para o outro, dançando uma música que só ela podia ouvir.

— Isso merece uma comemoração... uma comemoração com chocolate.

— Parece ótimo, meu amor. Eu tenho sonhado com a torta de cereja com chocolate desde que você a fez, no meu último aniversário.

Naquela noite, conversamos de irmã para irmã, tirando o atraso. Contei a ela sobre todos os clientes e como me importava com cada um deles. Sendo fã do Red Sox, ela ficou muito impressionada com Mason. Isso faria a camiseta autografada, o boné e a foto parecerem ainda mais fantásticos quando eu os entregasse a ela. Claro, prometi que um dia, se a oportunidade surgisse, eu iria apresentá-la a Mason e a todos os outros caras.

Quando o tema da conversa mudou para Wes, coloquei tudo para fora. Era quase como se eu precisasse fazer isso.

— Que canalha! — ela xingou quando contei que a estrela do filme dele atendeu o telefone e ele admitiu que estava transando com ela.

Balancei a cabeça.

— Bom saber que você acha isso. Acredite, eu também achei quando descobri. Mas, sério, pensa bem. O Wes deveria esperar que eu resolvesse a minha vida e me divertisse com quantos caras eu quisesse, enquanto ficava sentado esperando por mim?

O rosto de Maddy ficou contemplativo.

— Isso realmente não é justo — ela admitiu.

— Não, não é. Não vou dizer que não doe. Por uma semana, mais ou menos, eu fiquei com muita raiva dele, mas no

fim entendi. Além disso, um tempo depois eu reencontrei o Alec e, você sabe, uma coisa levou à outra...

As sobranceiras de Maddy se estreitaram.

— Como assim, se reencontraram e uma coisa levou à outra? Como ele sabia que você estava na cidade?

Olhei para longe, bebendo um gole do meu café.

— Hum... os detalhes são nebulosos — tentei, mas ela não mordeu a isca.

— Não acredito! Você ligou para o Alec e o chamou para ficar com você, não é? — A acusação foi acompanhada de uma risada.

— Ficar? O que isso quer dizer, afinal? Acho que o termo correto é “sexo casual”, e vou te falar, querida irmã, o homem faz o melhor sexo casual conhecido pela humanidade! — Eu me recostei, me sentindo orgulhosa e aproveitando cada segundo daquilo, enquanto um pedaço da minha segunda fatia de torta de cereja com chocolate descia pela garganta.

A risadinha bonita de Maddy me fez sorrir. Ela era tão jovem e inexperiente nos caminhos do mundo. Eu só esperava que esse seu namorado fosse um cara sério e que não se aproveitasse dela. Acho que eu descobriria isso na noite seguinte, quando conhecesse os pais dele. Um tremor de inquietação atingiu meu peito. Era isso que pais e mães pensavam quando se encontravam com a família do namorado das filhas pela primeira vez? Bem, não era um pedido de casamento. Era apenas um jantar. Famílias normais fazem isso, certo?

Eu não tinha a menor ideia.

Mais tarde, quando estávamos finalmente na cama, peguei o telefone para mandar uma mensagem para Angie, irmã de Tony. Nós nos aproximamos em Chicago, e, se alguém sabia a respeito de namoros e conhecer pais, era ela.

Oi, Angie, é a Mia. Desculpe pelo horário. Perguntinha pra vc: quando os pais de um garoto convidam os pais da namorada para jantar, é algo importante?

De maneira surpreendente, o telefone apitou na mesma hora. Arrisquei um olhar para o relógio. Eram três da manhã aqui. Cinco no horário dela.

Oi, amiga. Pergunta estranha, mas, sim, geralmente é um tipo de formalidade. Querem ter certeza de que a garota é boa o suficiente para o seu filho conhecendo a família. Por quê?

Merda. Eu ligaria para Hector no dia seguinte e descobriria o que vestir. Ele saberia. Primeiramente, eu tinha de parecer uma irmã mais velha responsável e normal. Não podia mencionar meu trabalho nem o fato de que o querido, velho e bêbado pops estava convalescendo em um hospital público, porque meu ex-namorado — um agiota — dera uma surra nele. Caramba, isso soava péssimo até na minha cabeça.

Gemi no quarto, muito silencioso, e digitei minha resposta para Angie.

Primeiro namorado sério da minha irmã. Argh.

Eu odiaria estar no seu lugar! LOL